

Resumo

A maior parte das línguas europeias começaram a ser gramatizadas nos séculos XV/XVI, fruto em grande parte, do contexto do humanismo renascentista. No entanto, esta é uma realidade que abrangeu, sobretudo, as línguas oficiais das nações da Europa, tendo ficado de parte, muitas outras, as quais ou eram desconhecidas ou não lhes era atribuído o devido estatuto. Este trabalho tem como objeto de estudo um pequeno conjunto de gramáticas do mirandês, uma língua minoritária do extremo nordeste de Portugal, que emergiram nos finais do século XIX e início do século XX. Procura-se aqui indagar os fatores que motivam a escrita destas gramáticas, bem como o tipo de construção a que elas obedecem. Uma das grandes conclusões é que elas, de facto, emergem do pensamento histórico-comparatista sobre a língua, ainda que, na maior parte dos casos, sejam estruturadas de acordo com os princípios e categorias que são seguidos na composição das gramáticas das suas metalínguas.

Palavras-chave

Gramatização; gramaticografia; línguas minoritárias; mirandês

Abstract

Most of the european languages built their text grammars in the fifteenth / sixteenth centuries, as a result of the humanist though. However, this is a reality which covered, above all, the official languages of the nations of Europe, leaving aside, many others, which either were unknown or were not given the proper status. This work has, as object of study, a small set of grammars of Miranda's language, a minority language of the extreme northeast of Portugal, that emerged in the late nineteenth and early twentieth century. We aim to investigate the factors that motivate the writing of these grammars, as well as the type of construction that they obey. One of the biggest conclusions is that, in fact, they emerge due to the historical-comparative paradigm, although in most cases they are structured according to the principles and categories, followed in the composition of the grammars of their metalanguages.

Key words

Grammatization; grammaticography; minority languages; mirandese.

Fecha de recepción: 16/01/2020 - Fecha de aceptación: 17/02/2020 – Fecha de publicación: 28/03/2020



1. Introdução

Não resultou de um ato automático ou não voluntário a escolha do título para este pequeno estudo. Auroux (1994), ilustre filósofo da linguagem e historiador do pensamento sobre a mesma, usa o termo *gramatização* para nomear o processo de estabelecimento de normas ortográficas, lexicográficas e gramaticais, manifestamente através da publicação de gramáticas e dicionários de uma língua que normalmente acompanham processos de independência nacional (Haarmann 1988). Uma vez que este trabalho se inscreve no âmbito da Historiografia Gramatical, a palavra *gramatização* é usada no sentido de Auroux (1994). Portanto, este estudo ocupar-se-á da *gramatização do mirandês* enquanto processo de construção de gramáticas sobre a língua mirandesa.

Em termos de cronologia, é interessante ver que, tanto quanto se sabe, a maioria das línguas nacionais europeias foram gramatizadas no século XV-XVI, concomitantemente à emergência do humanismo renascentista. É este também o caso do português, como comprova, de acordo com Ponce de León (2013), a publicação do ensaio gramatical de Fernão de Oliveira (1536) e a gramática de João de Barros (1540).

Mais interessante ainda é ver quando e em que moldes se deu a *gramatização* de línguas que, por não se falarem num território demográfica e politicamente relevante, são rotuladas como “minoritárias” e, talvez por esta razão, não tiveram um tratamento intelectual equivalente às chamadas “línguas nacionais”, como é o caso do mirandês.

Assim, este estudo, que tem tanto de pioneiro na área¹, como de incipiente, organiza-se em torno de três objetivos:

- I. Averiguar o contexto de produção e intenção por detrás da produção das “gramáticas” do mirandês;
- II. Identificar o estatuto linguístico atribuído ao mirandês por cada autor e as razões da sua atribuição;
- III. Estudar o modelo de pensamento linguístico por detrás da construção de cada gramática.

Reunimos, portanto, um *corpus* das primeiras “gramáticas” do mirandês, composto por Vasconcellos (1882), Hanssen (1896)², Ferreira (1898), Vasconcellos (1900) e Menéndez Pidal (1906), que será analisado seguindo a metodologia de Swiggers (2004: 124-128). Por isso, neste artigo, depois de identificadas as fontes gramaticográficas da língua (nível heurístico), no nível interpretativo, é feito um estudo contitudístico dessas fontes, que abarca a exploração das redes intelectuais (secção 2) e as configurações teóricas de cada perspectiva

¹ De facto, sobre o mirandês, abundam os estudos históricos e sociolinguísticos (Alves 1997; Pires 2009; Alves e Barros 2015; Reis 2017), havendo alguns também no âmbito da “linguística formal” (Dias e Carvalho 1954; Carvalho 2015 [1957]; Bautista 2013; Moutinho e Bautista 2017), mas sobre a história das ideias gramaticais acerca do mirandês, tanto quanto nos foi possível averiguar, há apenas dois pequenos artigos de Bautista (2014; 2016).

² Este artigo prescindirá, um pouco, de uma análise profunda à obra de Hanssen (1896), em primeiro lugar, por motivos de espaço, em segundo, por não se reportar especificamente ao mirandês (mas ao asturo-leonês em geral) e, por último, por, em relação às outras obras selecionadas, a sua componente gramatical aparecer-nos truncada, visto que trata apenas da morfologia verbal, deixando de lado as outras componentes da gramática.

gramatical (secções 3 e 4). Por fim, na última secção (5), sistematizamos e categorizamos os elementos que são objeto do nosso estudo (nível reconstrutivo-sistemático).

2. Enquadramento das obras

2.1. Contexto de produção

O século XIX foi, de facto, um marco de viragem epistemológica nas ciências da linguagem, nomeadamente, sob a égide do paradigma histórico-comparativo, usado, quer pelos próprios comparatistas, quer pelos neogramáticos, emergindo assim a chamada *gramática científica*. Na época, a ciência linguística passou, à maneira das ciências naturais (Koerner 1995), a definir-se como demonstração mediante a observação do real, isto é, mediante a análise empírica dos dados.

De acordo com Gonçalves (2012: 2571), esta nova forma de fazer investigação sobre as línguas chega a Portugal em 1868, com a publicação de *A Língua Portuguesa* de Adolfo Coelho, cujas diretrizes metodológicas se expandiram rapidamente, favorecidas pela adesão ao positivismo. A investigação gramatical deste autor parte, conseqüentemente, do pressuposto básico de que o português deve ser estudado no contexto da família românica. No entanto, enquanto em 1868, considerando o conceito de *organismo da língua*, Adolfo Coelho usa o termo *glótica* para designar o estudo da mesma, em 1891, tomando a língua como produto social, o autor denomina esta ciência de *glotologia*.

Sem dúvida ciente destas distinções, Leite Vasconcellos dá como título às primeiras referências linguísticas explícitas ao mirandês *Dialecto mirandez: notas glottológicas*³, publicadas como folhetins do jornal *O Penafidense* em julho e agosto de 1882, como se pode observar na figura 1).

1. Cabeçalho do folhetim do nº 472 do Penafidense, publicado a 7 de julho de 1882.



Ora, tendo em conta que este filólogo português não só conhecia a obra de Adolfo Coelho, como também a cita (Vasconcellos 1882: nº 483), não restam muitas dúvidas de que o próprio título sinaliza a maneira como o autor das *notas glottológicas* percebia a língua, *id est*, como uma realidade social.

³ Estas *notas glottológicas* foram publicados sucessivamente em cinco números do jornal e depois compiladas, sem diferenças significativas, no livro *O dialeto mirandez*, em dezembro do mesmo ano.

Para além disso, naquela que é tida como a primeira obra gramaticográfica do mirandês, são constantemente citados vários nomes conhecidos da gramática histórico-comparada como F. Diez (1836), E. Littré (1862) e, por fim, Gessner (1867) que desenvolveu o primeiro estudo gramatical acerca do alto leonês, com base em documentos notariais, e a que Vasconcellos (1882: nº483) lamenta não ter tido acesso.

A orientação teórico-metodológica de Vasconcellos torna-se ainda mais explícita nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, quando afirma:

“Muitas vezes alarguei-me na comparação do mirandês com o português e com outras línguas românicas, já para ver se conseguirei ir radicando no público a pouco e pouco o gosto d’estes estudos, já para mostrar a regularidade dos phenomenos do mirandês.”

(In Vasconcellos 1900: xi)

Nesta mesma linha, colocam-se Hanssen (1896) e Menéndez Pidal (1906), que sustentam constantemente a sua análise em autores da tradição comparatista, como Gessner (1867), Grüber (1888), entre outros.

Até mesmo Ferreira (1898), apesar da falta de competência científica de que o acusa Trindade Coelho (1898), se aventura a compor esquemas de tipo comparatista, conforme vemos em 2).

2. Esquema das alterações do radical do verbo *ser* (Ferreira 1898: 73).

as-ti		
indo-europeu		

esti.....		grego
ist.....		gothico
est'.....		russo
est.....		latim

ès	yê	é
hespanhol	mirandez	portuguez

Concluimos, assim, que todas as obras do *corpus* gramaticográfico em análise, se enquadram, em conformidade com o seu tempo, num mesmo paradigma: o modelo histórico-comparativo. Porém, como veremos de seguida, as motivações que levaram à produção destas gramáticas estão longe de se restringir ao alargamento do âmbito de aplicação deste método.

2.2. Origem dos dados

Como qualquer gramática que se pretenda “científica”, as gramáticas em estudo descrevem, explicitamente, os *corpora* a que recorreram, o que, pelo seu pioneirismo descritivo de uma língua minoritária, ainda se torna mais curioso.

Em 1882, Leite Vasconcellos diz ter “esboçado” as suas notas gramaticais com dados recolhidos por inquérito a Manoel António Branco de Castro, seu colega de medicina na Academia Politécnica do Porto, natural da freguesia de Duas Igrejas, tendo depois, em 1883, passado as “férias grandes” no concelho de Miranda do Douro, altura em que recolheu os dados que deram ensejo aos *Estudos de Philologia Mirandesa* (1900)

Gessner (1867) e Hanssen (1896) têm como base, por seu lado, documentos escritos, nomeadamente o *Libro de Alexandre, o Fuero de Juzgo* e outros textos em leonês, sobretudo, notariais. Menéndez Pidal (1906) reaproveita também estes dados, bem como os dados orais do mirandês de Vasconcellos (1882; 1900), que cita várias vezes, ainda que também haja indícios de alguma recolha de campo.

Por fim, Albino Morais Ferreira, ainda que avisado da existência da língua pelo “contacto que [teve] na juventude com mirandezes” (Ferreira 1898: 11), diz ter procurado nas livrarias escritos em mirandês, mas, por nada ter encontrado, recorreu a transcrições ortográficas do mirandês feitas pelo “dr. Deusdado”, figura algo enigmática, uma vez que não há qualquer tipo de descrição biográfica do mesmo na obra.

2.3. Intencionalidade

De facto, a maior parte das gramáticas portuguesas desta época, mais do que perfilar unicamente a descrição científica da língua, tinha uma finalidade didática (Dias 1880; Coelho 1891; Cortesão 1907). Contudo, no que ao mirandês diz respeito, a situação é algo diferente.

Vasconcellos (1882: nº 472), por exemplo, no seu primeiro ensaio gramatical sobre esta língua, atesta que, perante este trabalho de “determinação d’um dialecto”, o seu propósito é “somente mostrar a generalidade das leis”, expressando, além disso, na compilação dos folhetins publicada em dezembro do mesmo ano, o desejo de incentivar os mirandeses a manter a sua língua, isto é, incentivar a falarem e escreverem em mirandês (Vasconcellos 1882: 9).

A preocupação, por um lado, cultural, de prevenir a extinção do mirandês, e, por outro, científica, de estudar a língua do ponto de vista gramatical, estabelecida em 1882, acompanharam o autor em tudo o que escreveu acerca do mirandês. A comprovar isto, nos *Estudos Mirandeses*, Vasconcellos, começa por dedicar parte da sua obra a identificar o grau de vitalidade e as razões do declínio do mirandês (Vasconcellos 1900: 105-165) e, na advertência preambular à “Grammatica Mirandesa” propriamente dita, declara:

“(…) foi meu único intuito estudar os phenomenos glotticos (...) se não pretendo ter escrito uma grammatica mirandesa completa, creio com tudo que apresento aqui os picipaes factos della; não só

exporarei os phenomenos da lingoa taes como elles existem na actualidade, mas procurarei tambem explicá-los segundo a sua génese e evolução.”

(Vasconcellos 1900: 170)

Já Ferreira, autointitulando-se como “tenaz apóstolo da instrução popular” (Ferreira 1898: 9), compõe uma obra de pendor iminente didático. Através dela, o autor visa o “derramamento d’instrução” (Ferreira 1898: 12) sobre as gentes de Miranda, inspirando-se, segundo o próprio, no método de ensino da *Cartilha Maternal* de João de Deus (1876), que, por ser inspetor da educação nacional, Morais Ferreira deveria conhecer razoavelmente bem.

Menéndez Pidal, por seu lado, publica o seu artigo “con objeto de promover y facilitar la recolección de formas modernas dialectales de la región que formaba el antiguo reino leonés” (Menéndez Pidal 1906: 128), tendo, portanto, um intento puramente científico.

Em suma, apesar da base teórica comum, não deixa de haver entre os gramaticógrafos em estudo intenções díspares. Feitas estas considerações que enquadram a produção gramatical do mirandês, resta-nos agora mergulhar na análise, não só da forma como as “gramáticas” do presente *corpus* estão construídas, mas das conceções de cada autor sobre a própria língua mirandesa e de como isso condiciona a estruturação das obras que são o objeto de estudo deste artigo.

3. A conceção de língua e estatuto do mirandês

No século XVI, já se tinha notícia das variedades asturo-leonesas no meio intelectual português, por via de autos pastoris como o *Monólogo do Vaqueiro* (1502) e o *Auto da Visitação* (1523), que, como atesta a *Miscelânea* 186 de Garcia de Resende (1554), eram produzidas à imitação de Juan del Enzina⁴:

“E vimos singularmente
Fazer representações
D'estilo mui eloquente,
De mui novas invenções,
E feitas por Gil Vicente,
Ele foi o que inventou
Isto cá, e o usou
Com mais graça e mais doutrina,
Posto que Joam del Enzina
O pastoril começou.”

No entanto, é pouco provável que na época houvesse a percepção de que o asturo-leonês fosse uma língua diferente do português e do castelhano. Pelo contrário, como atesta o testemunho de Severim de Faria (1609), as variedades desta língua são entendidas como uma espécie de português ou castelhano “mal falado”:

⁴ Este dramaturgo usava o “saiguês”, variedade do asturo-leonês, como forma de linguagem satírica, o que é, *per se*, revelador de um certo preconceito social em relação a essa língua.

“Falão mal se os compararmos cõ a lingoagem de hoje politica porq[ue] alem de usarẽ de algũas palavras antigas pronunção os vocábulos cõ grande pressa fazendo som[ente] asentos agudos e prolongos na primeira e ultima siliba da dicção o q[ue] parece herdarão ainda dos suevos, e godos, e de outras naçoens do norte q. nesta provincia abitarão, dos quais he peculiar essa pouincação.”

(Severim de Faria 1609, *apud* Bautista 2014: 6)

Em 1725, quando, pela primeira vez na tradição gramatical portuguesa, Jerónimo Contador de Argote dedica um capítulo ao estudo das variedades dialetais do português, começa a haver a percepção de que o mirandês talvez não seja uma variedade do português:

“Há alguns de alguns lugares de Trás os Montes, e Minho nas rayas de Portugal que são muito bárbaros, e que quasi que se ão podem chamar portuguez, mas só os usa a gente rustica daquelles lugares.”

(Contador de Argote, 1725: 295-296)

Continuamos, no entanto, no limbo do conhecimento de que existe uma variedade no extremo-nordeste do país, que é muito diferente das outras, mas que não tem nome, nem estatuto definido, nem foi alvo de qualquer estudo gramatical.

Na verdade, só com Leite Vasconcellos nos aparece o mirandês como uma linguagem interessante (Vasconcellos 1882: n.º 472). Ao longo das *notas glottológicas*, o autor refere-se a esta língua, ou como *linguagem popular*, ou pelo próprio nome *mirandez*. No entanto, neste primeiro ensaio gramaticográfico, nunca se refere ao mirandês como *língua*, ainda que: (i) o diferencie tanto do português, como do castelhano; e (ii) no apêndice destes folhetins (Vasconcellos 1882: nº483), nomeie o seu objeto de *linguagem popular de Leão*.

Por sua vez, Ferreira (1898: 21) classifica o mirandês simplesmente como *dialecto*, isto é, como “uma linguagem especial que se afasta dos princípios grammaticaes d’um idioma, e usada n’uma certa região terrena” (Ferreira 1898: 34), mas não diz de que idioma, como critica Vasconcellos (1900: xix).

A nosso ver, todavia, está implícita no discurso e nalguns elementos da gramática de Ferreira (1898) a sua visão sobre o estatuto linguístico do mirandês, que tem como seu primeiro defensor o próprio Gessner (1867), que é corrente ainda em alguns autores do século XX e, ainda hoje, no senso comum, isto é, a de que “o homem de miranda falla um dialecto próprio, que dá a impressão d’uma hybrida mistura de castelhano e portuguez” (Monteiro 1911: 1-2). Prova disto, é a tábua de “elementos do idioma portuguez” e a tábua de “elementos do idioma castelhano”, colocadas entre o prefácio e o início da descrição gramatical, bem como a “contagem” lexical levada a cabo pelo autor ainda no prefácio:

3. “Resultado da média que tirámos segundo a diversidade de typo em 50 páginas” (Ferreira 1898: 21).

Palavras graphicamente hesp. (por ex.: <i>coraçõ</i>) ..	0,200
— prosodica e graphicamente hesp. (por ex.: <i>tier- ra, manos</i>) ..	0,150
— comuns a ambas as linguas (por ex.: <i>que, tu</i>)	0,110
— méramente portuguezas (por ex.: <i>fallar, carne</i>)	0,080
— genuinamente mirandezas (por ex.: <i>quejimos, catchico</i>) ..	0,460
	1,000
$0,2 + 0,15 + 0,11 + 0,08 + 0,46 = 1$	

No entanto, Vasconcellos vem esclarecer esta questão, defendendo que o mirandês não é um “dialecto do português, [mas uma] língua doméstica de um povo simples” (Vasconcellos 1900: 153).

Ao longo dos *Estudos de Philologia Mirandesa*, este autor refere-se frequentemente ao seu objeto de estudo como *idioma* ou *língua*, conforme vimos acima. Porém, na *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, o mirandês aparece classificado, não como língua, mas como *co-dialecto* (1901: 70), pois “o nome de *língua* parecia a muitas pessoas demasiado ambicioso”.

Menéndez Pidal (1906), apesar de louvar a figura e o trabalho de Vasconcellos (1882; 1900), critica as classificações propostas com base na “falta de un cuadro de conjunto del dialecto leonés” (Menéndez Pidal 1906: 128). Assim, na sua obra, o filólogo castelhano mantém firme a referência ao *dialecto leonês* e, ainda que não esclareça a língua que lhe corresponde, divide o dialecto em três grupos – ocidental, central e oriental – substituindo a designação *mirandês*, usada pelos autores portugueses, ou seja, por *leonês ocidental*.

Não obstante os fundamentos lançados por Menéndez Pidal, em relação ao estatuto linguístico do mirandês e em relação ao leonês, adotados por investigadores como Herculano de Carvalho (1971: 71), ainda se nota, noutros autores, uma forte prevalência de critérios algo nacionalistas na classificação do mirandês. Por exemplo, Moreno (1945) continua a etiquetá-lo como dialecto do português e Hanssen (1896) como dialecto do castelhano, como fica comprovado em:

“Sin embargo, los dialetos asturiano y leonés no son verdaderos términos médios entre las lenguas vecinas, sino que deben ser clasificados de dialectos castellanos, por participar de las principaes particularidades de la lengua de Castilla (...)”

(Hanssen 1896: 753)

Hoje, no entanto, aceita-se com relativo acordo da comunidade científica que, “[pelas] circunstâncias históricas, oralidade excessiva e a ausência de uma norma escrita [tivessem levado] a um processo de dialetalização do idioma (...) e à perda de consciência de unidade linguística” (Alves e Barros 2015: 417). Todavia, recentemente, a classificação do mirandês como *co-dialecto*, à maneira de Vasconcellos (1901), volta a ser assumida por Frias Conde (2001 *apud* Quarteu & Frias Conde 2002: 92) na medida em que se defende que o asturiano e o mirandês são *co-dialectos* do asturo-leonês, tal como o galego e o português são *co-dialectos* do galego-português.

A verdade é que, de facto, as “gramáticas” do mirandês escritas ao longo do século XIX e XX foram moldadas da mesma forma que as gramáticas do português e do espanhol, estando isto diretamente ligado, em parte, ao estatuto atribuído ao mirandês e, em parte, à própria metalíngua usada na descrição gramatical⁵.

4. Modelo e estrutura da Gramática

Segundo Gonçalves (2012: 2573), “os textos preambulares (...) fornecem dados que ajudam a situar a metodologia do gramático no contexto da tradição gramatical em que se inscreve”, nomeadamente, os prefácios, “advertências”, introduções e os índices.

Conforme vimos na secção 1, os primeiros textos metagramaticais acerca do mirandês enquadram-se, de modo mais ou menos uniforme, no âmbito paradigma histórico-comparativo. Contudo, ao observar os índices (quadro (4)), notamos que as noções de gramática de alguns autores parecem diferir ligeiramente.

4.

Gessner 1867 (<i>Das Altleonische</i>)	Lautlehre- vocale; consonanten. Flexionslehre- artikel; substantiv; numerale; pronomen; verbum.
Vasconcelos 1882 (“Notas glotológicas” in <i>O Penafidelense</i> 472, 473, 479, 482, 483)	Introdução Fonética Morfologia Textos Materiais para um vocabulário Conclusão
Ferreira 1898 (“Grammatica Mirandesa” in <i>Dialecto mirandez</i>)	Orthoepia- valor das vozes; diphthongos, trithongos; articulações; vozes nasaladas; diphthongos nasalados. Artigos definidos; ditos indefinidos. Plural dos nomes; género dos nomes; augmentativos e diminutivos; graus dos adjectivos; numeraes, pronomes pessoases; ditos possessivos; ditos demonstrativos; ditos relativos; ditos interrogativos; ditos indefinidos. Verbos. Partículas- advérbios, preposições; conjunções, interjeições.
Vasconcelos 1900 (“Grammatica Mirandesa” in <i>Estudos de philologia mirandesa</i>)	Phonologia- phonologia fisiológica; phonologia histórica. Morphologia- declinação; conjugação; partículas; formação de palavras. Sintaxe
Menéndez Pidal 1906 (“El dialecto leonés”)	Divisiones geográficas y bibliografía Fonética Morfologia Sintaxis

⁵ Os únicos trabalhos gramaticais sobre o mirandês que conhecemos e que usam o mirandês também como metalíngua, são Quarteu & Frias (2002), Garcia & Gil (2012) e Bautista (2016).

Quanto a Gessner (1867), a bipartição da obra entre *lautlehre* “estudo do som” e *flexionslehre* “estudo da flexão” é, por um lado, fora de comum na medida em que, como vemos no quadro, as outras preferem a divisão tripartida. Por outro lado, não é de todo estranho, dada a pequena dimensão da obra, a focalização na análise do som e da flexão, uma vez que, aproximando-se de Bopp (1816), Schlegel (1818), entre outros, são estes os objetos essenciais na comparação de línguas. No entanto, a indagação das razões pela qual o autor opta por esta estrutura de Gramática, terá de ficar reservada para um trabalho futuro e para um estudioso com conhecimentos de alemão melhores do que os nossos.

No panorama português, Vasconcellos (1882; 1900) opta pelo esquema tripartido - Fonética/Fonologia, Morfologia, Sintaxe - à maneira do adotado na *Grammatica Portuguesa elementar- fundada sobre o methodo histórico-comparativo*, de Teófilo Braga (1876). Na verdade, como vimos anteriormente, parece óbvio que Vasconcellos conhecia de perto o trabalho de Adolfo Coelho, que define “Gramática” como: “(i) conjunto de sons, (ii) d’elementos de formação de palavras e processos da sua combinação e (iii) processos de formação de proposições dessa língua” (Coelho 1891: 126).

Neste sentido, é interessante também observar que contexto do país vizinho, se pratica o mesmo modelo de estruturação de uma “gramática científica”, como comprova a obra de Menéndez Pidal (1906).

Um caso distinto é o da “Grammatica Mirandesa”, de Ferreira (1898). Esta “gramática” talvez por ser de cariz didático, como explicita o autor logo no prefácio, e não “científico”, não se preocupa em adotar um esquema de gramática em particular. Na “Introdução” a esta obra, Morais Ferreira apresenta um conceito de gramática bastante distinto do de Coelho (1891), definindo-a como “a theoria da linguagem, ou o archivo das leis sobre as mais correctas formas de fallar e escrever” (Ferreira 1898: 33).

De facto, neste quadro, não é difícil compreender porque é que o “gramático” em questão, começa a sua obra pela “orthoepia”, visando expor as regras do “bem falar”, e desenvolve a sua obra em torno não de áreas da gramática, mas de classes morfo-gramaticais, apontando as regras do “escrever corretamente”. Ora, esta figura de gramático é, no século XIX, vista como uma aberração intelectual, como comprovam as palavras de Trindade Coelho:

“(…) razão dou a D. Francisco Manuel de Mello (...) - ‘Grammaticos, menina, é uma praga de gente bem escusada no mundo: são como os cães das boas letras; não servem senão de roer ossos e espinhas, até que a põem na espinha.’ (...) eu nem no que escrevo faço grammatica, ou me importo com a grammatica, - pois tudo quanto eu faço, ou, pelo menos, procuro fazer, é escrever como o povo falla, e os grammaticos, em geral, desdenham de fallar como o povo.”

(Coelho 1898 *apud* Bautista 2016: 5)

Críticas como esta, que sinalizam a mudança nas concepções daquilo que se entende por “Gramática” e a alteração dos paradigmas da própria disciplina, condicionam grandemente a receção e a divulgação das obras metagramaticais, seja no seu tempo, seja na posteridade, como veremos de seguida.

5. As primeiras gramáticas e a sua receção

A começar pela *Das Altleonensische* de Gessner (1867), notamos que, apesar da sua grande importância como primeiro marco de gramatização do leonês, a sua receção foi muito limitada. Na verdade, tanto Vasconcellos (1882), como Menéndez Pidal (1906) referem-na explicitamente. No entanto, o primeiro lamenta que “não poder ter lido o estudo, difícil de obter, que Gessner publicou em Berlin” (Vasconcellos 1882: nº 483). Todavia, nenhum autor depois destes o menciona.

Fortuna diferente teve a obra de Vasconcellos que, para além de ser considerado o “descobridor” do mirandês, com a sua obra de 1882, que lhe valeu o prémio científico da *Société des langues romanes*, em 1883 (Alves & Barros 2017: 418), publica em 1900, uma obra que continua a ser uma referência obrigatória nos estudos mirandeses, de acordo com vários investigadores hodiernos (Quarteu & Frias Conde 2002; Reis 2017; entre outros). Prova disto é que, para além da tiragem de 1000 exemplares em 1900, amplamente divulgada, o livro teve uma segunda edição em 1993, tornando-se a única obra gramaticográfica do mirandês a ser editada mais do que uma vez.

O Dialecto Mirandez de Ferreira (1898), por seu lado, é uma obra algo difícil de encontrar, nunca tendo chegado a uma segunda edição. Isto explica-se, em grande parte, pelas duras críticas de que foi alvo, quer do lado de T. Coelho (1898), quer de Vasconcellos (1900), que resumimos de seguida:

- i. **Incompetência científica:** “pelo que respeito à grammatica, (...) o sr. Moraes Ferreira não possui uma competência científica à altura do difficilimo encargo que se propoz” (Coelho 1898 *apud* Bautista 2016: 74);
- ii. **Inadequação metodológica:** “[o que] procuro fazer, é escrever como o povo falla, e os grammaticos, em geral, desdenham de fallar como o povo, e são tão ousados alguns, que até o emendam” (*ibidem*); “o Sr. Albino, para organizar os seus textos, não se deu ao trabalho de verificar no vivo vada vocábulo em especial, e se elles estavam também de accordo com a phonetica” (Vasconcellos 1900: xviii)
- iii. **Omissão/ desconhecimento dos estudos prévios:** “De resto, e não querendo fazer ao sr. Moraes Ferreira a injuria de suppôr, nem por sombras, que a omissão, em todo o volume, do nome e dos estudos do sr. dr. Leite de Vasconcellos, foi um proposito, ella representa, quando menos, que desconhece os trabalhos do illustre philologo, o que não é licito, hoje, a quantos estudam o mirandez, e é imperdoavel nos que o ensinam.” (Coelho 1898 *apud* Bautista 2016: 75); “[o] Sr. Albino, no prologo do seu livro, dá a entender que é elle o primeiro a occupar-se da grammatica do mirandês” (Vasconcellos 1900: xi)
- iv. **Erros vários:** “[acontece que a] orthoepia do seu volume estava errada” (Coelho: *ibidem*); “(...) aqui cito alguns dos erros que [o livro de Morais Ferreira] contém. Infelizmente eles são tantos, que basta abrir o livro ao acaso, para os encontrar” (Vasconcellos 1900: xii)

Leite Vasconcellos termina lapidaramente a sua crítica dizendo que “se os leitores do livro [de Morais Ferreira] não conhecessem a lingoagem da Terra-de-Miranda, senão por elle, a fossem a aquilatar pelo que ahi se lê (...) poderiam de facto imaginar que o mirandês (...) era uma geringonça somente decifrável numa região aérea!”

(Vasconcellos 1900: xix). Assim, pela sua notoriedade no meio intelectual português e nos estudos acerca do mirandês, Vasconcellos (em conjunto com Trindade Coelho) ditam o destino na obra *O Dialecto Mirandez*, que, por falta de humildade e rigor científico, foi quase votada ao esquecimento.

6. Sistematização e considerações finais

Como constata Alves & Barros (2015: 416), seguindo o conceito de diglossia de Fishman (1967), o mirandês, o português, o castelhano e o leonês “ocupam, ou ocuparam, historicamente, um espaço comum, sendo facto que nem todas as línguas tiveram ou têm o mesmo estatuto, ou seja, existiu sempre uma relação entre língua dominadora e língua dominada”. No entanto, graças aos diversos autores que foram objeto do nosso estudo, a língua encontrou um lugar no panorama intelectual das línguas ibéricas.

Apesar de escrita num intervalo não muito largo e dentro de um paradigma teórico semelhante, as gramáticas analisadas mostram algumas diferenças, sobretudo em termos da origem dos dados de que se servem, propósito de composição e, naturalmente, da metalíngua, conforme sintetizamos no quadro 5).

5.

	Gessner (1867)	Vasconcelos (1882)	Ferreira (1898)	Vasconcelos (1900)	Menéndez Pidal (1906)
Metalíngua	alemão	português	português	português	espanhol
Origem dos dados usados	Documentos escritos	Recolha direta	Transcrições ortográficas	Recolha direta	Documentos escritos e recolha direta
Intenção	Científica	Científica/cultural	Didática	Científica/cultural	Científica
Esquema da Gramática	Bipartido	Tripartido	-	Tripartido	Tripartido

Ainda hoje, contudo, não obstante o intenso trabalho de gramatização do mirandês, feito entre finais do século XIX e início do século XX, persiste, mesmo nas camadas escolarizadas, a confusão em relação ao estatuto linguístico do mirandês. Para isto, apontam os resultados de um inquérito, levado a cabo por Veloso (2000: 130), segundo o qual, num universo de 106 estudantes universitários, apenas 40 consideram o mirandês uma língua, o que prova que ainda há muito trabalho por fazer ainda em termos de desmitificação social e gramatical desta língua.

Carlos S. Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ORCID 0000-0002-8052-4271

silvacarlosrogerio@gmail.com



Referências Bibliográficas

- Alves, António B. (1997): *A língua mirandesa. Contribuição para o estudo da sua história e do seu léxico* (Tese de Mestrado), Braga: Universidade do Minho.
- Alves, António B. e Barros, Anabela (2015): “Mirandês, leonês, português e castelhano: glotocídio e conciliação”, Ana Gabriela Macedo, Carlos Mendes de Sousa, Vítor Moura (eds.), *XIV Colóquio de Outono: Conflito e Trauma*, Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 413- 434.
- Auroux, Silvain (1994): *La révolution technologique de la grammatisation. Introduction à l'histoire des sciences du langage*, Liège: Mardaga.
- Bautista, Alberto, G. (2013): *El Mirandés: contexto y procesos de formación de palabras* (Tese de Doutoramento), Madrid: Universidade Complutense de Madrid.
- Bautista, Alberto, G. (2014): “Ideologias linguísticas em Portugal: a língua e a cultura mirandesas e a Lusofonia”, *Atas do II Congresso Internacional “Pelos mares da língua portuguesa”*, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Bautista, Alberto, G. (2016): “Ua polémica al redor de la lhéngua mirandesa”, *Studos – Revista de Lhéngua i Cultura Mirandesa*, 1, Miranda do Douro: Associação de Língua e Cultura Mirandesa, pp. 69-78
- Bautista, Alberto, G. (2017): “Línguas e variedades fronteiriças de Portugal”. Alberto Bautista, Lurdes Moutinho e Rosa Coimbra (coord.), *Ecolinguismo e línguas minoritárias*, Aveiro: Universidade de Aveiro Editora. pp. 17- 27.
- Carvalho, José H. (2015) [1957]: “Fonologia Mirandesa”, José Meirinhos (org.) *Fonologia Mirandesa e outros estudos sobre o mirandês*, Coimbra: Frauga e Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, José H. (1973): *Estudos linguístico*, Coimbra: Atlântida editora.
- Coelho, Francisco A. (1868): *A lingua portugueza. Phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Coelho, Francisco A. (1871). *Sobre a Lingua Portuguesa, em Frei Domingos Vieira, Grande dictionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza, publicação feita sobre o manuscripto original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado*, 2 vol,. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.
- Coelho, Francisco A. (1881): *A lingua portugueza. Noções de glotologia geral e especial portugueza*, Porto: Livraria Universal.
- Coelho, Francisco A. (1891): *Noções elementares de grammatica portugueza*. Porto: Lemos & C^a. Editores.
- Coelho, Trindade (1898): “Carta a Albino Moraes Ferreira”, *Jornal Novidades*. nº 4.512, Porto: 26/12/1898, pp. 1-2.
- Contador de Argote, Jerónimo (1725): *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Língua Latina ou Disposição para Facilitar o Ensino da Língua Latina pelas Regras de Portuguesa*, Lisboa: Officina da Música.
- Dias, Jorge e Carvalho, José H. (1954): “O Falar de Rio de Onor”, *Biblos*, 30, pp. 191-244.
- Ferreira, Albino Moraes (1898): *Dialecto mirandez*, Lisboa: Imprensa de Libânio da Silva.
- García, Fernando e Gil, Héctor (2012): *Xurdir: Guía gramatical de leonés*, León: Asociación Cultural Faceira.
- Gessner, Emil (1867): *Das Altleonensishe: Ein Beitrag zur Kenntnis des Altspanischen*, Berlin: Programm des französischen gymnasiums.

- Gonçalves, Maria Filomena (2012): "Gramáticas o português na transição do século XIX para o século XX: a Gramática científica". Cestero Mancera *et alii* (eds.) *La lengua, lugar de encuentro. Actas del XVI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, Universidad de Alcalá de Henares: Publicaciones de la Universidad, pp.2571-2579.
- Haarmann, Ulrich (1988): "Arabic in speech, Turkish in lineage: Mamluks and their sons in the intellectual life of fourteenth-century Egypt and Syria", *Journal of Semitic Studies*, 33 (1), pp. 81–114.
- Hanssen, Friedrich (1896): "Estudios sobre la conjugacion leonesa", *Anales de la Universidad de Chile*, pp. 753-807.
- Kiparsky, Paul (2015): "Phonologization", Patricia Honeybone e Joe Salmons (eds.) *Handbook of Historical Phonology*, Oxford: Oxford University Press, pp. 563–582.
- Koerner, Konrad (1995): "The natural science impact on theory formation in the 19th and 20th century linguistics", *Professing linguistic historiography*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 47 -76.
- Meirinhos, José F. (2000): *Estudos mirandeses, balanço e orientações: homenagem a António Maria Mourinho*, Porto: Granito.
- Ménendez Pidal, Ramón (1906): "El dialecto leonés", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 10, pp. 128-172.
- Monteiro, Manuel (1911): *O Douro; Principaes Quintas, Navegação, Culturas, Paisagens e Costumes*, Porto: Emílio Biel.
- Moreno, António (1945): "O mito do Nordeste". *Mensageiro de Bragança* (20/03/1945).
- Moutinho, Lurdes e Bautista, Alberto G. (2017): "Uma primeira abordagem ao estudo da prosódia da língua mirandesa". Alberto Bautista, Lurdes Moutinho e Rosa Coimbra (coord.). *Ecolinguismo e línguas minoritárias*, Aveiro: Universidade de Aveiro Editora, pp. 119- 140.
- Pires, Moisés (2009): *Elementos de Gramática Mirandesa*, Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- Ponce de León, Rogélio (2013): "Gramáticas, comentários, tratados e adaptações: tipologia textual e teoria gramatical (séculos XVI e XVII)", *Revista de Letras*, 12, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. pp. 39-53.
- Quarteu, Reis e Frias Conde, Xavier 2002. "L Mirandês: ùa lhéngua minoritaira an pertual", *IANUA*, 2, pp. 89-105.
- Reis, Luís (2017): "Riodonorês e guadramilês: um estudo histórico e sociolinguístico". *Mandinga - Revista De Estudos Linguísticos*, 1, pp. 20-38
- Swiggers, Pierre (2004): "Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística", C. Currales Zumbado *et al.* (eds.) *Nuevas aportaciones à la Historiografía Lingüística: actas del IV congreso internacional de la SEHL*, La Laguna: SEHL, pp. 113-146.
- Vasconcellos, José Leite de (1882): "O dialecto mirandez (Notas glottologicas)". *O Penafidelense* 472; 473 (Julho); 479; 482; 483 (Agosto). [refundido em *O dialecto mirandez: contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio glottologico hispano-lusitano*, Porto: Livraria Portuenses, 1882]
- Vasconcellos, José Leite de (1900), *Estudos de Philologia Mirandesa*, vol I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Vasconcellos, José Leite de (1970 [1901]): *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Vasconcellos, José Leite de (1929): "Breve estudo dos falares de Riodonor e Guadramil", *Opúsculos*, 4, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 739-790.

Veloso, João (2000): "O mirandês visto por futuros professores de português", José F. Meirinhos, pp. 126-140.